

# ***Motor Imóvel***

## ***Primeiro Motor Aristotélico***

### ***Deus Criador Tomista***

Pedro Henrique Ciucci da Silva

Tomás de Aquino aceitou e aprofundou a filosofia aristotélica, pois fundamentou sua primeira via que leva a Deus ao primeiro Motor Aristotélico.

Tomás de Aquino centraliza a sua constatação sobre o movimento do universo, através da teoria aristotélica que tem por finalidade a noção de primeiro motor. Para Aristóteles este primeiro motor é o causador de todas as causas, desta forma, esta primeira causa é o puro ato de ser, é a primeira causa do movimento, não às mutabilidades. Este ato puro de ser levou Tomás de Aquino a centralizar que Deus é este ato puro de ser, ou seja, este primeiro motor tem uma relação que Deus é a ação própria de sua criação.

A imobilidade do primeiro motor levou o Estagirita afirmar que este primeiro movimento está em puro ato, pois, caso contrário, se moveria. Portanto Aristóteles coloca que este primeiro motor tem que estar em ato, o segundo momento é a potência que levaria a um terceiro e assim por diante. O primeiro motor não é movido, somente move. Para o Estagirita o ato move como causa final, ou seja, não cria o universo, que é eterno, pois nem o conhece, conhecendo-se algo fora de si implicaria atualização de uma potência, sendo assim, imperfeito e incompleto. Este ato é perfeito e completo, move em um segundo momento, a potência, que seria incompleta, pois estaria em movimento.

Em seu livro Física (VII-VIII), Aristóteles trata da questão do primeiro motor. No capítulo VII o Estagirita fundamenta que todo movimento tem que ser

movido por algo, este algo, a potência, não tem princípio de seu próprio movimento, desta forma, este ato é eterno, uno e imutável, pois estaria em uma plenitude em si mesmo.

O primeiro movimento não pode ser entendido como final, mas como princípio de onde provém o movimento, segundo Aristóteles o movente está junto com o movido, ou seja, não tem intermediários entre ambos, pois está em comum tanto movido e o movente. A evidência desta relação entre ambos está relacionada em que o movente está em si mesmo e o movente é movido por este, ou seja, o movente que está em si mesmo não sofre alterações e move, desta forma, isto mostra que nada há em intermediário entre ambos.

O primeiro movente (ato puro de ser) tende a uma eternidade, sendo assim, não sofre alterações, pois movendo algo possibilita de vir a ser, levando assim a um terceiro movimento.

Determinaremos a ato em particular; **“o nome de ato (que colocamos sempre como ato) foi estendido dos movimentos de onde principalmente ele vem, as outras realidades. Com efeito, bem parece que o ato antes de mais nada é o movimento”** ( Metafísica 1048-34-35). Pois o Estagirita sistematizou um significado mais profundo, o ato, segundo o filósofo, tem por finalidade o fato para realização do ser, mas fica evidente que não da mesma maneira que a potência. O exemplo de que o Estagirita se utiliza para mostrar a manifestação do ser em ato é uma realidade artística, pois Hermes está em potência na madeira, porque desta madeira se pode formar Hermes.

Podemos dizer sobre o ato de outra maneira. Um indivíduo tem uma capacidade de contemplação, pois se não contenta em ato permanece em plena potência. Contempla-se em ato puro está em ato e não em potência.

O ato em seu particular é em si mesmo algo último, mesmo que por uma razão escapa nossa maneira de definir. O ato, para uma contemplação em toda sua pureza tem que atingir ele como ato. Pois de outra forma, existe um risco de reduzir o ato a uma determinação formal ou até mesmo a um mero exercício, desta forma há uma redução ao conhecimento que ele é em si mesmo, em sua originalidade.

Segundo Aristóteles o ato é, como quem edifica para com quem tem a faculdade de edificar, o que está acordado para o que está dormindo, o que vê para com o que tem olhos fechados, mas que possui a vista, o que está separado da matéria para com a matéria, o que é elaborado para o que não o é” ( *met. a 37-1048b 4*).

Um está em ato e o outro em potência. Pois o que está em ato é o que apreendemos em potência. O que permanece em potência se refere ao que está em ato, como se estivesse em um estado de espera de imperfeição a um estado completo e perfeito. Estas maneiras de permanecer em ato são evidentemente diferentes, pois têm algo em comum; um ser que completa um termo, pois o estado oposto, de estar em potência aparece como um estado, ou seja, indeterminado. Podemos levar a seguinte conclusão: o ato é a superioridade de um estado de estar, pois enquanto há potência, há inferioridade.

O Estagirita reduz as diversidades das realidades em ato em duas modalidades; o exercício e a substância relativamente a matéria. Pois este exercício está em movimento à potência, ou seja, a uma complementação desta potência de uma maneira permanece de uma forma acidentalmente. A substância é a alma que de forma relativa pertence ao corpo, que tem uma determinação à ordem das substâncias.

Foi através de uma indução, o único modo onde nos permite descobrir (ato), que Aristóteles ultrapassou diversas modalidades de estado em ato e o estado em potência para uma capitação do ato com tal, em um nível mesmo de ser.

Esta indução tem diversas experiências em comum, pois Aristóteles coloca desta forma. Portanto, esta analogia é que a potência está em um estado e o ato em outro, ou seja, esta ordem de um estado à outra pode ter diversos níveis na forma e na matéria, etc. Pois este “algo de comum” leva o Estagirita até ao que é como tal, permite-se a um toque da inteligência, atingindo uma divisão em um centro de o que é: o ser em ato e ser em potência. Desta forma, esta inteligência tem por finalidade o princípio-fim último de o que é enquanto ser.

A distinção entre o ato e a potência se situa no nível mesmo de ser. O Estagirita mostra que podemos encontrar em toda parte, constatar realidades existentes em ato, pois ela se realiza de modo totalmente diferente para outras realidades que existem em nossa inteligência, citaremos o exemplo de vácuo e o infinito: “ o infinito, o vácuo e as outras realidades semelhantes são ditas em potência em ato de outra maneira que “aquele que vê”, “aquele que anda”, “o que é visto”(…) o infinito não está em potência de tal sorte que estará em ato de modo separado, mas somente pelo conhecimento” ( met., 6, 1048-b9-15).

Aristóteles em seguida mostra o movimento como tal é o ato. A operação vital possui em si mesma seu próprio fim, ou seja, põe em presença de ato; “quanto às ações, umas devem ser chamadas movimentos outras atos. Todo movimento, com efeito, é inacabado. O emagrecimento, o estudo, a marcha, a construção: estas ações são movimentos e são inacabados. Pois não é o mesmo tempo que se caminhou, nem que se constrói e que se construiu. Semelhante, o que se torna não se tornou simultaneamente, e o que move não move ao mesmo tempo; mas o que move difere do que moveu. Ao contrário, o mesmo se viu e vê simultaneamente pensa e pensou. Portanto, é tal ação que eu chamo, ato, a outra é um movimento” (ibid, 1048 b 28 35).

Comparando esta informação com o que o Estagirita diz sobre movimento na física; o movimento é o ato do que está em potência com tal, pois em uma observação da filosofia primeira, o ato, sendo fim de o que é como tal, há uma separação do movimento. Somente assim a operação vital imanente integra-se ao ser em ato. Na filosofia da natureza, a natureza-forma e natureza-matéria são unidas eternamente, ou seja, podemos dizer que este movimento é o ato do que está em potência.

O Estagirita separa-se dos físicos e de Platão, na sua separação cuidadosamente do ser em ato do ser inteligível e do movimento. Se este ato fosse apenas apreendido em um nível do exercício, Aristóteles não conseguiria ter colocado uma condição de distingui-los da mesma forma. Sendo assim, o Estagirita sintetiza que nem o inteligível nem o mundo físico pode atingir o que está em último na ordem do ser: pois o mundo físico existe, sempre de forma

imperfeita, sem fim. Esta separação do ser em ato e do ser em potência, tem uma distinção um pouco mais íntima e mais completa do que é do que da substância e do acidente, pois o ato é presente nas diversas particularidades de o que é.

Ao sistematizar o que é ato o filósofo teve como conhecimento de uma forma precisa a potência, permitiu-se distinguir a ordem entre as potências, potência próxima ou disposição, potência remota. Aristóteles evidenciou que se trata de um certo determinar; “ *quando (cada um em potência e quando ele não está*”( met., 048 b 37), desta forma sublinhamos que o ser em potência não é um estado cognoscível, somente em relação ao ser em ato, pois no mundo físico há uma implicação no círculo com o tempo. As operações naturais vitais, como as produções a distinção existem, ou seja, há uma realização diferente. As produções artísticas, o sujeito-paciente é somente paciente, o agente de uma forma eterna é sempre exterior; as operações vitais, sujeito-paciente, são pacientes, pois ativo, em um sentido que se atualiza em si mesmo. A potência derradeira nas realidades físicas é a matéria primeira, ou seja, pura potência, esta potência derradeira nas realidades artísticas é aquilo que a partir e uma obra feita.

Tudo que está em potência está de uma forma relativamente ao ato, não podemos ter uma conclusão por certas causas que existem em potência, pois elas devem e ter uma forma necessária para a existência em ato. O infinito, o vácuo tem uma existência em relação a potência, não implica que deve existir em ato. Esta relação sobre ser em ato e potência não tem relação recíproca. O ato é anterior a potência, ou seja, uma anterioridade; “ segundo a razão (e segundo a substância), segundo o tempo (o ato é em sentido anterior e em outro sentido não o é” ( ibid., 8, 1049 b 11-12).

Esta anterioridade segundo uma noção do ato sobre a potência tem uma evidencialidade, pois o conhecimento do ato é uma primeiridade. O contrário, o conhecimento da potência é relativamente ao do ato, ou seja, o ato a primeiridade, a potência secundidade. A potência é a causa da ação o que ordena o ato.

Esta anterioridade segundo o tempo tem uma grande complexidade. A semente, que é o homem somente potência, tem uma anterioridade sobre o

tempo, sobre um homem determinado em ato. Esta própria semente é anterior tendo uma segundidade sobre o tempo, outro homem em ato, de onde ela procede. Esta “ ordem do tempo, um ato precede sempre outro ato, até que se remonte ao ato do primeiro motor eterno” ( ibid., 1050 b5-6). Desta forma, tem uma importância um primeiro motor em ato. Para tal indivíduo em estado de ato puro de ser implica um devir, tem uma certa anterioridade da potência, ou seja, considerando-se um caráter específico, o ser em potência nunca é primeiro. Pois a anterioridade absoluta do ato sobre a potência mostra ao indivíduo como é preciso de um motor primeiro em ato, pois esta substância corruptível pressupõem as incorruptíveis, o estado em potência tem uma exigência o ser em ato.

Aristóteles refuta sobre a imobilidade de um motor imóvel, todo o movimento gerado tem um primeiro movente esse por sua vez que move tem que ser imóvel, caso contrario, se fosse movido por outro não seria o primeiro motor, cairia em uma infinitude do movente do primeiro motor.

O Estagirita, em sua busca desta divindade da explicação do movimento do cosmo, parte de um motor imóvel, pois este é uno, eterno e imutável, se este por sua vez fosse movido por algo e não por si só não seria uno e nem mutável, pois ele é a sua própria causa de movimento.

Este repouso eterno do primeiro é necessário, pois tem que ser imóvel, segundo Aristóteles a imobilidade está relacionada com a sua primeira do movimento, por tanto, ele é o gerador do movimento e por sua vez imóvel, este por si só tem um movimento próprio e nada o move, ou seja, a sua mobilidade parte de si e si mesmo, o movimento é uma força eterna a si mesma criada.

Tomás de Aquino ( 1225-1323) foi sem duvida que mais sistematizou o pensamento aristotélico, através das leituras que São Tomás fez sobre Aristóteles, o seu pensamento sobre as demonstrações da existência de Deus, tem uma relação com os argumentos do primeiro motor, com isto, a primeira demonstração sobre a existência de Deus, parte do movimento, é uma utilização da idéia do primeiro motor aristotélico.

Tomás de Aquino fundamentou-se a demonstração de Deus nas suas cinco vias ( quinque viae), é onde esta argumentações levaram através de

considerações de aspectos realistas pelos sentidos como o efeito do qual se procura a causa. Neste texto só trabalharemos com a primeira via, pois trata-se da questão do primeiro motor aristotélico.

A primeira via tem uma fundamentação onde constata que no universo existe movimento. Tento baseado-se em Aristóteles, São Tomás parte que todo movimento tem uma causa, pois se deve ser exterior ao próprio ser que está em estado de movimento, ou seja, não admitindo que esta mesma coisa possa ser ela mesma a coisa movida, pois e o primeiro motor que faz este movimento. Pois este próprio motor deve ser movido por um outro este por um terceiro, etc. Sendo assim, tem uma necessidade de admissão em que, esta series de motor é infinita e não existe um primeiro termo, não conseguindo explicar o movimento, até mesmo que esta serie é finita, levando a uma conclusão, de que, o seu primeiro termo é Deus.

Tudo que é movido é movido por outro; pois nada é movido enquanto está em potência de uma forma relativa daquilo a que é movido. Este movimento não é senão levar alguma coisa da potência ao ato, ou seja, do ato a realidade. Somente a coisa real poderia levar este algo que está em potência ao ato, exemplo: o calor existe, ou o fogo, levar a tornar a madeira de cálido potencial em cálido atual, sendo assim, levaria ao movimento e transformaria. Há uma impossibilidade do estado em ato está em potência em tempo igual, somente em pontos de vistas diversos. O cálido atual não poderia estar em cálido potencial, pois é frio em potência. Desta forma, pela mesma razão, se torna impossível algo ser motora e movida ao mesmo ponto de vista, ou seja, é impossível mover-se a si mesma. Tudo o que é movido tem uma necessidade de ser movido por outro. Portanto, o motor é por sua vez movido, pois também tem uma obrigatoriedade de ser movido por outro, e este por outro. Pois não pode proceder assim ao infinito, caso contrário não haveria o primeiro motor; os motores segundos (segundidades) não movem somente enquanto são movidos por um primeiro motor, como não move o bastão sem ser movido pela mão. Portanto á necessidade de chegar a um primeiro motor que não seja movido por outro, desta forma, todos dão o nome de Deus.

*“ Para facilitar a compreensão deste argumento, que através de Aberto Magno e Moisés Maimônides remota a Aristóteles, cumpre notar que são Tomás o desenvolveu originariamente, a partir do simples movimento local, ou seja, na base de dados físicos. Contudo, ele não se restringe á esfera física, podendo ser aplicada a qualquer gênero de mutações. Além disso, é preciso não perder de vista que a prova se apóia em movimentos essencialmente ordenados; donde a necessidade de se concluir para um concurso divino todos dão o nome de Deus, não deixa de causar certa supressa; todavia, ela será justificada mais adiante, com a dedução de outras propriedades essências de Deus, a partir do conceito do primeiro motor imóvel.”( f.cristã., Gilson,pg 454).*

Diferentemente de Aristóteles, Tomás de Aquino fundamenta que este Ato Puro de Ser é Deus. Partindo do que o Ato é a causa primeira, Tomás de Aquino centraliza, sendo assim, Deus criou atos finito, que em conjunto são capazes de agir, desta forma, o efeito entra em aconselhação á causa, causa-efeito, pois são capazes de gerar outros seres. Mas estes próprios sobrepõe um ato criador de Deus como causa de ser próprio ser e suas próprias operações.

Somente em Deus teria uma identidade entre a essência e a existência. Deus existe por si e ele mesmo teria entrado em uma revelação a Moisés: Eu sou Aquele que sou “(Ego sum), desta forma, Deus seria criador de todas as coisas e fundamentando-se as existências contingentes. Pois Deus é o ato puro de ser, não sendo uma simples essência qualquer, como o uno, o bem ou o pensamento, á qual se teria uma atribuição à existência. Deus não teria um simples modo eminente da existência, como a eternidade, a imutabilidade ou até mesmo uma necessidade, pois são atribuídas, mas sim o próprio ato de existência, sendo em si mesmo e qual nada poderia ser acrescentado, isto seria uma pressuposição em uma limitação que não cabe a Deus. Este Ato Puro de Ser, Deus, não se identifica a seus atributos, estes é que, ao contrário, tem que lhe ser atribuído e nada faltando. Deus é imóvel e eterno, nada lhe é concebível, nada o transforma, Deus é a perfeição pura, ato de ser, Tomás de Aquino conclui:” *A natureza divina é o supremo e mais puro ato. Por conseguinte, ela se comunica em toda a extensão em que é possível faze-lo.*”Trata-se da comunicação, ou seja, é uma tendência a



ação. O ato comunica-se com a potência, trata de seu aperfeiçoamento da atualidade a outra coisa.

Esta comunicação trata-se de mostrar que o ato participa da atualidade de Deus, que cujo nome é *Ergo Sum*, iremos tratar desta centralização. Eu sou, isto está relacionado com a sua alta perfeição, ou seja, eu sou aquele que sou, está relacionada em mostrar que nada é fora deste eu, desta forma, esta atualidade participa ou comunica-se com a criação.

Se a causa é a existência atual, pois o que chamamos criar, pode-se dizer que esta criação é a própria de Deus. Sendo Deus o próprio, de operar as causas e efeitos semelhantes em si próprio. Com isto centralizamos a definição da casualidade eficiente. O universo das causas eficientes, tendo uma imitação a Deus, e por serem causas, isto é, o universo de São Tomás de Aquino.

A noção de Deus para Tomás de Aquino nos leva de um modo direto para a noção de criação. Eu sou, *ergo sum*, leva esta noção da qual é um ser que deve esperar para o ato de criação. A noção de coisa está evidentemente enraizada na noção de ser e por sua vez na de existência, pois ser algo é ter existência.

Ser (ens) deriva-se do verbo ser (esse), e alguma coisa ser algo tem uma essência daquilo que é. O ser finito provém do ato, ou seja, este ser finito, potência, está em estado de potencialidade daquilo que é, ato, e por uma essência da qual é, em relação do seu ato de ser (esse), é coisa, por sua razão se essência ou até mesmo qualidade.

Há de fato uma relação um pouco misteriosa sobre essência e o ser, pois a noção do ato de ser não tem uma diferença entre essência e o ser, mas se levarmos a respeito um ser à necessidade de conceber a participação do ato puro de ser. Este modo particular de participação que define o ser, pois é a sua essência, desta forma, esta essência traduz o que chamamos sua quiddidade, ou seja, esta essência tem uma manifestação no ato de ser, essência é um ser imperfeito, portanto é uma diminuição da atualidade do ser.

Este argumento apresentado acima atribui o status das idéias divinas na doutrina de Tomás de Aquino, pois centraliza que o conhecimento de Deus é em

si próprio, ou seja, é infinito ao seu próprio ser, está relacionado à sua infinitude. Deus conhece que participa de todos os seres criados, pois tem uma multiplicidade dos objetos dos conhecimentos ou idéias.

A idéia de Deus espelha-se de uma forma comunicável com as infinitas possibilidades dos modos finitos. Pois estas idéias divinas estão inteiramente relacionadas com Deus propriamente dito, mas de uma forma de objetos de conhecimentos, ou seja, é o próprio Deus conhecendo-se, pois não em si mesmo, mas de forma particular possível de uma infinitude da perfeição.

Aristóteles concebeu que a essência é qualidade de ser atual, para Tomás de Aquino isto significa que a essência representa uma qualidade de ato de ser (esse) em uma participação definida das substâncias. As semelhanças entre Tomás de Aquino e Aristóteles estão relacionadas quando ambos tratam que as essências são como a determinação do número, é a qualidade própria.

Ao voltarmos a comentar sobre participação do ato puro de ser, deve-se ficar evidente que todo agente que age tem que estar em ato, ou seja, este agir é a própria comunicação por meio do agente em ato, pois a natureza divina é o ato puro propriamente dito, portanto, esta natureza divina se comunica quando possivelmente. Em sua primeiridade a comunicação perante as criaturas é por sua semelhança, de certa forma, uma manifestação visível, pois a criatura é o ser em uma medida de semelhança com a natureza divina.

O Deus cristão tem uma origem nas processões internas, a palavra é uma grande processão de uma semelhança do intelecto, pois tem como manifestação a chamada geração, pois existe outra manifestação de processão da vontade e também do amor, mas esta não leva a uma semelhança, mas por meio de movimento para algo. Desta forma, a trindade encontra sua raiz em uma noção de Deus, a essência, pois é o ato puro de ser, portanto, parte de uma primeiridade de ação, opera-se e também comunica.

Ao retorno do ponto do puro ato de ser deve-se ficar evidente que Tomás de Aquino centraliza e refuta este ponto sobre o ato puro de ser ao nome ELE É. Pois o nome divino é interpretado de inúmeras maneiras. Em Santo Agostinho a sua centralização a ELE É, tem uma refutação sobre o significado de

“Eu sou imutável, Eu sou eterno”, pois desta forma existe uma possibilidade de explicação de que o fato da Eternidade cria um mundo onde os seres têm uma duração em um tempo, ou que a imutabilidade cria um mundo em que a mudança é possível, pois não tem manifestação onde não existe nenhuma razão para Eternidade ou Imutabilidade que concebe-se alguma existência, desta forma, Tomás de Aquino partiu de entes finitos e das suas propriedades para uma justificação de Deus.

Não importa qual foi a via que Tomás de Aquino selecionou, a dúvida persiste em nossas mentes: se existe movimento, deve existir um Motor Primeiro Imóvel, mas se existe um Primeiro Ser Imóvel, por que deve ser um motor? Pois as suas causas eficientes finitas, devem existir de forma necessária, uma causa primeira eficiente, mas se existe esta causa eficiente, por que deve existir outro?

A doutrina de Tomás de Aquino dificulta-se em um fato que, a prova da existência de Deus está estabelecida em retirar seus principais argumentos. Do ponto de vista aristotélico não existe razão em que o pensamento que pensa a si próprio deve-se manter e relacionar um movimento no mundo do vir a ser. Desta forma, existe um mundo, mas não pode achar a sua fonte no movimento, a não ser o Motor Imóvel, pois não existe um ponto problemático da prova da existência do universo, porque o Estagirita centraliza o fato em uma plena existência.

A natureza divina em Tomás de Aquino tem uma centralização em que Deus é o ato puro de ser, ou seja, é a própria imutabilidade em si mesmo, é a sua própria infinitude de uma existência atual, mas tem uma dúvida nesta argumentação: sendo Deus, infinito, pleno, por que cuida e comunica-se com a criação?

Ao término desta investigação sobre o Motor imóvel aristotélico ao Deus criador tomista, deve-se ficar claro que Aristóteles fundamentou sua investigação sobre o movimento eterno em uma contraposição às idéias platônicas das causas motoras, pois o Estagirita centraliza que o princípio capaz de mover o céu não está relacionado com as idéias ou com outras substâncias a ela semelhantes, desta forma, Aristóteles cria uma polêmica com os platônicos, pois para eles as idéias são os únicos movimentos capazes de explicar a sua causa motora.

Aristóteles centraliza o seu argumento mostrando que o principio deve ser em ato, ou seja, parte do ato para potência, pois se estivesse apenas em potência não partiria de um motor imóvel, dessa forma, o movimento não teria existência colocando em contradição sua eternidade.

Para compreendermos o motor imóvel aristotélico é de profundo entendimento investigarmos Platão, pois o Estagiriita se contrapõe a teoria que as ideias são as causas motoras, levando assim a uma nova teoria, que tomara força na idade média, principalmente com o grande filósofo, teólogo são Tomás de Aquino.

Em suas obras, *Metafísica* (Livro XII) e *Física* (VII e VIII), Aristóteles parte de um pressuposto de um Motor Imóvel, mas se contrapondo as teorias das ideias platônicas das causas motoras. O percurso que o Estagirita faz é para uma sustentação da eternidade do movimento em sua ordem cósmica, pois deste modo leva a uma constatação em postular a existência da substância imaterial, algo puro, leva-se ao desligamento de qualquer matéria ou corpo, que partiria de um funcionamento que chegaria a um Motor Imóvel e que por ultimo seria a ordem do universo. Este Motor Imóvel é a causa primeira que leva a um pensamento de Deus para Aristóteles. Este Deus é a própria nobreza, tem que ter vida, ou seja, o ser vivo é por excelência o mais nobre que o inanimado e da vida, levando assim o pensamento a sua nobreza. Esta parte é um pensamento sobre o tempo, mas só pensa sobre si, pois toda causa lhe seria indigna visto ser inferior.

Este Deus aristotélico é algo distante, mas é uma colocação necessária para explicar o movimento eterno. Aristóteles não só contradiz os platônicos, mas os supera, pois o movimento eterno não é causado pelas ideias visto que as substâncias tem como principio de todas as outras categorias.

Mesmo que os textos de Aristóteles demoraram a serem lidos, a sua contribuição e a sua aplicação foi imediata, levando a uma reformulação do pensamento teológico da Igreja. São Tomás de Aquino parte da ideia de Deus criador sobre o Motor Imóvel.

São Tomás de Aquino fundamentou sua tese de Deus criador na refutação do Motor Imóvel aristotélico, pois bem, a sua investigação sobre o ato puro de ser

parte de um supremo por excelência, ou seja, algo que permanece imóvel, mais não pode este ser primeiro sofrer mutação, ou seja, sendo o primeiro deve ser por excelência eterno, uno e imóvel, desta forma, a cinco vias que são Tomás de Aquino fundamentou a sua tese em Aristóteles.

Colocaremos apenas a primeira via em investigação, pois trata do primeiro Motor Imóvel, mas todas as vias propostas são de profundas investigações. São Tomás de Aquino de certa forma supera o filósofo, a sua centralização sobre o Motor Imóvel parte de uma ordem divina, mas não apenas a divindade proposta por Aristóteles, mas é um Deus por excelência.

O Ato Puro de Ser é para São Tomás de Aquino aquele que é, ou seja, Deus se revelou para Moisés falando que ele é aquele que é, isto mostra que este Ato Puro de Ser é a sua centralização em si próprio. Esta centralização em si mesmo se mostra ou manifesta um Ato Puro de Ser, pois move as criaturas, onde estão em potência, ou seja, sendo Deus Ato Puro de Ser, move suas criaturas em potência. Esta potência é a potencialidade de algo vir a ser, portanto, Deus é o criador movedor das criaturas, que por sua natureza as criaturas podem vir a ser.

Deus comunica-se com as criaturas, essa comunicação seria uma participação sobre a criatura, ou seja, esta natureza divina que é Ato Puro de Ser, não se manifesta, mas comunica-se com a potência, de fato que, esta potência não chegará ao Puro Ato de Ser, mas se manifestara através de movimentos causados pelo primeiro motor, que para Aristóteles é o Motor Imóvel, para São Tomás é Deus.

O primeiro movimento seria causado por Deus que por sua vez seria causado por um segundo e assim por diante, mas fica claro que um primeiro movimento, é um ato de primeiridade, é Deus, que é ele mesmo, pois conhece a si mesmo, é eterno, imutável e uno.

A sua eternidade manifesta sobre si mesmo, pois lembrando que é o primeiro movente; a sua imutabilidade é causada sobre a sua eternidade, ou seja, se fosse imutável não seria eterno, pois cairia em uma finitude; uno, pois só existe ele, lembrando que ele é nada existe antes desta magnitude. A sua infinitude, do movimento, manifesta-se em seu primeiro movimento, ou seja, sendo o primeiro é

conhecendo-se a si mesmo a sua infinitude se esclarece, mas é incompreensível, ao ponto em que a potência não esta para o Ato Puro de Ser, mas esta para a sua potencialidade, desta forma, são Tomás trouxe para a sua investigação dessa noção do primeiro Motor Imóvel, mas centralização um Deus cristão deste tratado, este Deus que não oferece simplesmente um existir mas uma possibilidade dessa criatura vir a ser, comunicando-se que é por excelência o criador. Esta comunicação se dar por uma finitude da criatura, ou seja, a criatura é limitada, potência sendo assim, a criatura procura em toda a sua existência e consequentemente para a toda eternidade o Ato Puro de Ser, que Deus.

## Bibliografia

Aristóteles (384-322 a.C). Metafisica. Tradução Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

Aristóteles (384-322 a.C). Metafisica. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

Aristóteles (384-322 a.C). Metafisica (livro 1 e 2). Tradução direta do grego por Vincenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. SP: Ed Abril cultural. 1973.

Aristótle (384-322 a.C). metaphysics. Translate by Sir. W. D. Ross. Chicago USA: Ed. The Green Books, 1952.

Aristótle (384-322 a.C). Physics. Translate by R.P. Hardie and R. K. Gaye. Chicago USA: Ed. The Green Books, 1952.

Ross, Deivid Sir. Aristóteles. Tradução Luís Felipe Bragança. Lisboa Portugal: Editora Dom Quixote, 1987.

Fouillelle, Alfredo. Aristóteles y su polémica contra Platón. Traduccion. Manuel Granell. Buenos Aires, Argentina: Editora Espasa Calpe, 1948.

Reale, Giovani. Aristóteles. Primeira edição da obra completa. SP: Edições Loyola, 2007.

Aquino de Tomás (1225-124). Suma teológica, volume I. Tradução Henrique C. de Lima Vaz. SP: Edições Loyola, 2001.

Gilson, Etienne. A existência na filosofia de São Tomas. Tradução Geraldo Pinheiro Machado, Gilda Lessa, Mellilo, Yolanda Ferreira Barcão SP: Editora Livraria duas cidades, 1977.

